

Como Compreender As Forças Armadas Americanas: Demografia, Características de Personalidade, Psicologia, Liderança e Percepções*

ADAM LOWTHER, *PhD*



Introdução

Desde o início das operações *Enduring Freedom - OEF* e *Iraqi Freedom - OIF*, a composição demográfica das forças armadas americanas, mais uma vez, foi sujeita a intenso escrutínio. Os críticos e comentaristas apressaram-se em ir à mídia, sugerindo que as forças são racis-

tas, sexistas, homofóbicas e que não existe branco rico disposto a lutar em guerras que o pai começa.¹ Se esses críticos tivessem examinado pesquisa recente, entenderiam a demografia, princípios e psicologia dos militares americanos. Os fatos apresentam quadro bem diferente do que se costuma acreditar.

*Este artigo foi publicado anteriormente na *Joint Forces Quarterly* - Verão 2010 e também na *ASPJ* - Chinês Primavera 2010
Adam Lowther, PhD. é analista de defesa do Instituto de Pesquisa da Força Aérea, Universidade do Ar, Base Aérea Maxwell, AL.

A partir da segunda metade do século XX, os estudiosos começaram a analisar a psicologia, princípios e características demográficas dos profissionais militares. Essa análise produziu percepções surpreendentes. No prefácio do *The Professional Soldier* (1960), uma das primeiras obras sobre o assunto, Morris Janowitz escreve:

A profissão militar enfrenta crise: como pode se organizar para fazer face às múltiplas funções de dissuasão estratégica, guerra limitada e maior responsabilidade político-militar? Primeiro, a contínua mudança tecnológica. Em segundo, a necessidade de redefinir a estratégia, doutrina e auto-conceitos profissionais. A manutenção de organização eficaz e, ao mesmo tempo, a participação em novas práticas, tais como controles de teste nuclear ou sistemas de segurança regional, exigirão novos conceitos, criando novos cargos para os militares.²

Cinco décadas após, ainda soa bem. Apesar de mudanças inéditas no ambiente de segurança internacional, a profissão das armas parece estar sempre em crise. Talvez Janowitz estivesse equivocado. Pode ser que a sempre presente “crise” seja a eterna adaptação do soldado profissional ao ambiente estratégico em constante mudança. Seja qual for o caso, a pergunta original de Janowitz continua incomodando.

Janowitz, ao dar outra explicação acerca das relações entre civis e militares nos Estados Unidos comparada ao trabalho anterior de Samuel Huntington, *The Soldier and the State* (1957), iniciou o que continua a ser intenso debate da natureza dos militares na sociedade e aquelas características que colocam os mesmos à parte do público que defendem.³ Embora certo consenso exista, sugerindo que os membros das forças armadas são bem diferentes da sociedade em sua maneira de perceber o mundo, o acordo é pouco em exatamente como diferem e porquê.⁴

Este artigo não tenta resolver de uma vez por todas o debate, mas pretende oferecer amplo quadro dos indivíduos que integram as forças armadas americanas, examinando sua demografia, psicologia e princípios. É importante notar que a maior parte dos dados citados é incompleta em sua cobertura de todas

as quatro forças e dos oficiais e soldados alistados. Por esse motivo, as distinções limitam-se àquelas entre os militares e a sociedade. Na maior parte dos casos existem dados suficientes para se distinguir entre duas forças ou entre os oficiais e os soldados alistados.

A Demografia das Forças Armadas

No rescaldo do Conflito do Vietnã, os Estados Unidos puseram um fim ao alistamento obrigatório em 1973, voltando à força totalmente voluntária. Naquela época, tal como agora, os críticos clamavam que as forças armadas recrutariam os soldados dos bairros mais pobres do país, permitindo, ao mesmo tempo, que a elite se esquivasse do serviço militar, como ocorria, frequentemente, durante o Vietnã.⁵ De fato, a participação da elite declinou, mas os militares da nação não são originários de zonas urbanas pobres. Na verdade, o quadro demográfico das forças armadas norteamericanas é bem diferente.

A Renda da Família

Segundo estudos recentes, os recrutas militares são provenientes de famílias com renda média anual de \$43.122 dólares (em 1999). Naquele mesmo ano, a renda média anual da família norteamericana era aproximadamente \$41.994 dólares.⁶ No percentual da população de 18-24 anos de idade, i.e., a maioria dos recrutas, a renda média variava entre \$ 35.000 - \$ 79.999 dólares e \$ 85.000 - \$ 94.999 dólares. Esses grupos foram super-representados, enquanto as famílias nos extremos da escala socioeconômica foram sub-representadas.⁷ O interessante é que o percentual de recrutas em famílias de alta renda aumentou desde o 11 de setembro, enquanto o de famílias de baixa renda diminuiu.⁸ Em 2005, 22,8% dos recrutas faziam parte do percentual mais rico e apenas 13,7% dos mais pobres. Assim, a classe média produz a média dos conscritos e não a população pobre urbana. Para o ingresso de oficiais e acesso às academias militares, não havia dados disponíveis. A situação socioeconômica também se correlaciona a ou-

tras variáveis preferíveis, tais como ética de trabalho, inteligência e aptidão.⁹

Educação

Em média, os militares são mais instruídos do que o restante da sociedade americana.¹⁰ Enquanto a média nacional é de 75%, 98% dos militares detêm, no mínimo, diploma de ensino médio.¹¹ Os alistados e oficiais também obtiveram pontuação acima da média nacional em testes padronizados de interpretação de texto e matemática. De modo interessante, a pontuação no Teste de Coeficiente das Forças Armadas [*Armed Force Quotient Test - AFQT*] demonstrou que os militares alistados atualmente possuem Coeficiente de Inteligência mais elevado do que antes do 11 de setembro.¹² Além disso, como demonstram os estudos, os veteranos matriculados em faculdades atingem resultados acima da média.¹³ Assim, os que sugerem que as forças armadas baixaram de padrão para satisfazer as necessidades de recrutamento estão incorretos. Ocorreu o oposto. Os americanos que hoje optam pelo alistamento ou pela carreira em forças armadas são mais educados e mais inteligentes do que antes (desde o início da compilação de dados).

Raça

Em 2004, 75,6% da população adulta nos Estados Unidos era considerada branca. Em 2006, 77,99% dos jovens entre 18-24 anos caracterizavam-se de brancos.¹⁴ Dos recrutas (alistados) que ingressaram ao exército em 2004, 73,1% eram brancos. Além disso, 75,43% de todos os militares (homens e mulheres) da ativa entre 18 e 24 anos relataram a cor branca.¹⁵ Assim, a proporção é de quase 1 a 1 de brancos tanto na sociedade, em si, como nas forças armadas. Quando subdivididos em brancos não-hispanos (84,57%) e brancos hispanos (15,43%), os hispanos representam pouco menos de 10% de toda a força – baixa sub-representação.¹⁶

Proporcionalmente, os negros e asiáticos são as duas raças com o maior e menor grau de representação. Ao contrário da crença popular, nos anos após o final do alistamento compulsório, um número cada vez maior de

negros inscreveu-se nas forças armadas, devido ao que se percebia ser tratamento igualitário oferecido aos membros. Em 1990, os negros compreendiam cerca de 20% dos militares e apenas 13% da população total. Tida como instituição imparcial, onde a cor da pele não inibi o avanço, os oficiais e alistados negros ingressaram às forças armadas e optaram em sua maioria, por funções administrativas, de suprimento e apoio.¹⁷ Mas nos anos após o 11 de setembro, a participação dos negros nas Forças Armadas diminuiu, permanecendo em torno de 15%.¹⁸

Isso resulta de vários fatores. Em primeiro lugar, a justificativa para ingresso às Forças Armadas é em grande parte relacionada à natureza aberta da cultura militar e as oportunidades oferecidas aos negros. Como observa o Gabinete Contábil do Governo: “Em geral, muitos afro-americanos alistavam-se por motivos tangíveis e tinham maior probabilidade de ocupar cargos não-combatentes do que soldados graduados brancos ou hispanos, fazendo das forças uma carreira.”¹⁹ Quando visualizadas como avenidas de avanço, as forças armadas não possuem muitos atrativos durante períodos de guerra, com seu ritmo operacional acelerado.²⁰ Além do mais, a natureza indesejável da Guerra do Iraque e a grande afinidade dos negros para com a agenda do partido democrata também conseguem explicar porque o recrutamento entre eles diminuiu após o 11 de setembro.²¹

Os asiáticos, por outro lado, merecem pouca atenção na literatura demográfica.²² Não se sabe ao certo porque são sub-representados. Assim, é suficiente dizer que 3,6% das forças são compostos por asiáticos. A população geral conta com 4,8%, clara sub-representação.²³

Região

Também importante às variáveis descritas até agora é a região. Entre as quatro regiões geográficas examinadas (nordeste, centro-oeste, sul e oeste) 65% de todos os recrutas concentram-se no sul e oeste. O sul contém 42%.²⁴ Embora 41% da população (de 18-24 anos) concentrem-se no nordeste e centro-oeste, 35% dos recrutas provêm dessas regiões.²⁵ A pesquisa confirma a

crença comum de que existe forte “tradição militar sulista”, apesar dos sulistas não dominarem a liderança das forças armadas, por completo, como no início do século XX.

Sexo

Devido a tradição, as forças armadas são bastiões masculinos. Porém, as guerras frequentemente dão às mulheres a oportunidade de servir. Por exemplo, no Corpo Aéreo Feminino [*Women's Air Corps - WAC*], bem como enfermeiras, secretárias e assistentes de escritório. Após a Segunda Guerra Mundial, as forças armadas começaram a abrir as fileiras. De 1980 a 2003, o número de mulheres no serviço militar dobrou, passando de 8,4 a 15%.²⁶ Embora seja índice desproporcionalmente baixo – as mulheres constituem pouco mais da metade da população – existe pouco empenho para igualar a proporção de homens e mulheres nas forças armadas. Além disso, com poucas exceções (armas combatentes), as mulheres servem agora na maioria das especialidades de carreira.

Os dados mais recentes coletados pelo *Bureau of Labor Statistics* [Gabinete de Estatísticas Trabalhistas] oferece mais um ponto interessante relacionado ao sexo. Dos candidatos inscritos em serviço ativo nas quatro Forças (Exército, Marinha, Força Aérea, Fuzileiros Navais), um maior percentual feminino obteve pontuação na categoria “Estágio I” no Teste de Aptidão Vocacional das Forças Armadas [*Armed Services Vocational Aptitude Battery - ASVAB*] do que os homens. Simplesmente, em média, as mulheres nas forças armadas são mais inteligentes do que os colegas do sexo masculino.

Densidade Demográfica

Uma variável final oferece amplo esclarecimento demográfico. Mais de 71% dos recrutas militares em 2003 eram provenientes de áreas suburbanas e rurais. As áreas urbanas, que concentram 40% da população (de 18-24 anos) respondem por menos de 29% dos militares.²⁷ Proporcionalmente, as zonas rurais são as de maior representação. Assim, o ponto de vista de que os habitantes pobres das zonas

urbanas constituem a força combatente em período de guerra é infundado, embora seja correto sugerir que as “pequenas cidades pagam alto preço.”²⁸

Esboço Demográfico Cumulativo

O membro das forças armadas, em média, é branco, alto, com escolaridade de nível médio, família de classe média que vive em subúrbios ou áreas ex-urbanas [nos Estados Unidos denominada *exurbs*, uma região ou povoado situado fora de centros urbanos, normalmente mais além dos subúrbios, frequentemente habitada por famílias ricas], na região sul ou oeste. *Vamos reiterar que baseamos o acima em estatísticas e não em uma só fatia das forças armadas, o que poderia levar a resultados bem diferentes.*

Para debate mais amplo, antes de voltarmos à literatura recente referente à tipologia da personalidade e psicologia da liderança militar, seria relevante breve discussão acerca da auto-seleção em forças totalmente voluntárias. Atrai, não somente certos tipos de personalidade, mas também aventureiros, patriotas e americanos em ascensão. Como observado acima pelo Gabinete Contábil, os brancos do sexo masculino, acima da média, ingressaram às forças armadas e armas combatentes, em particular, por patriotismo e aventura. O pico em recrutamento de brancos que pertencem a mais alta camada econômica após o 11 de setembro ilustra o ponto. Mas não sugere que esses recrutas não ingressam às forças armadas para aprender e desenvolver habilidades e obter benefícios educacionais, como normalmente acontece com os negros e mulheres.²⁹

Também é importante notar que as estimativas atuais da população elegível (de 18-24 anos) sugerem que aproximadamente sete entre dez jovens na América são inaptos para o serviço militar porque possuem antecedentes penais, não conseguem preencher os requisitos intelectuais mínimos, são fisicamente incapazes e/ou possuem antecedentes de abuso de narcóticos.³⁰ Assim, a população elegível é bem peneirada antes de ser aceita ao serviço militar. Contrário ao mito popular, as forças armadas não aceitam pessoas dissolutas

que, além do mais, seriam obrigadas a passar o tempo atrás das grades.

A Tipologia da Personalidade e a Psicologia da Liderança

Os psicólogos começaram a examinar a tipologia da personalidade no início da década de 30. Contudo, não existe um grupo de traços de personalidade aceito ou método para calculá-lo.³¹ Também não contamos com estudos recentes e acessíveis ao público, em geral, que examinam as características de personalidade dos membros militares. Isso deixa ao pesquisador a extração e compilação de dados relevantes de fontes diversas e muitas vezes inconsistentes para criar uma síntese da personalidade do militar típico.

O número bastante reduzido de psicólogos que estudam os militares conta com uma série de ferramentas/metodologias para desenvolver perfis de personalidade e calcular características de liderança.³² Os estudos recentes que examinam o sucesso em liderança na Academia de West Point, Futuros Pilotos em Treinamento [*Undergraduate Pilot Training - UPT*] e em treinamento básico de eletricidade e eletrônica naval oferecem percepções singulares.³³

Como indicam as avaliações administradas aos novos recrutas ao ingressar às forças, existem três motivos principais para o alistamento: benefícios didáticos, treinamento, aventura e patriotismo.³⁴ O valor atribuído a cada um deles varia de indivíduo a indivíduo, mas oferece certos dados iniciais que estudos psicológicos esclarecem e expandem. Com isso em mente, passo agora à tipologia e às tendências que muitas vezes colocam os membros das forças armadas à parte dos colegas civis.

Coragem

Em estudo dos cadetes da *West Point*, a coragem exibida em bravura pessoal e retidão moral, foi a virtude mais valorizada, o que é consistente com as provas baseadas em observações fortuitas e aculturação esperada. Por exemplo, o Manual de Campanha do Exército 22-100 lista os sete princípios básicos de liderança: le-

aldade, dever, respeito, serviço abnegado, honra, integridade e coragem pessoal. Assim, é razoável sugerir que a coragem é uma característica de personalidade mais facilmente visível em membros das forças armadas, bem como um dos princípios cultivados e necessário à promoção tanto de oficiais como de militares alistados. Um breve exemplo demonstra o grande valor da coragem. Como relatou o General Oliver Smith, o Comandante da Segunda Divisão de Fuzileiros Navais, durante os primeiros anos da Guerra da Coreia:

Durante a Operação *Reservoir*, nunca me preocupei com a segurança de *Koto-ri*. Quando foi ordenado a ocupar *Koto-ri*, Lewie [Lewis “Chesty” Puller] nunca questionou se tinha homens suficientes ou não para isso. Simplesmente decidiu-se a fazê-lo. Sua mera presença tranquilizou os homens. Circulava em seu meio constantemente. Os homens conheciam a fama do Coronel Puller. Sabiam que já havia escapado com êxito de muitas situações críticas e, aqui estava ele, em carne e ossos, irradiando confiança.³⁵

Como o fuzileiro naval mais condecorado da história americana, Lewis Puller era muitíssimo bem conhecido pela coragem, um denominador com valor de verdade, como demonstra a citação anterior. Um Capelão dos Fuzileiros Navais ecoou o mesmo sentimento acerca dos fuzileiros sob seu comando, dizendo: “É impossível exagerar. São convencidos e de verdade arrogantes, de que são os combatentes mais ferozes da terra – e o interessante é que são mesmo.”³⁶

Existe uma variedade de citações similares em diversas fontes que narram as aventuras de muitos soldados, marinheiros, aviadores e fuzileiros navais. O importante, no entanto, é destacar o valor da coragem como atributo de caráter, inato ou adquirido, em todos os membros das forças armadas.

Com risco ou perigo

Existe outra característica de personalidade relacionada à coragem: o arriscar-se. Um estudo de longo prazo patrocinado pelo Exército, acompanhou 675.626 soldados susceptíveis a serem destacados ao Golfo Persa durante a I Guerra do Golfo.³⁷ Consistente

com estudos que demonstram falta de prudência e alto grau de coragem entre os membros das forças armadas, os resultados exibem comportamento de elevado aceite de risco entre os soldados destacados durante a guerra. O interessante é que esses soldados “dispostos a aceitar riscos” também eram física e mentalmente mais saudáveis do que os companheiros do Exército, não destacados.³⁸

Voltando ao exemplo do General Puller, quando servia de comandante de batalhão durante a II Guerra Mundial e comandante de regimento na Coreia, sempre estabelecia o posto de comando muito mais próximo à linha de frente do que a doutrina prescrevia ou da prática seguida pelos outros comandantes.³⁹ O perigo a que se expunha, incentivava os companheiros e subordinados a assumir riscos ainda maiores. Assim, pode-se compreender como tal característica é inculcada entre os membros das Forças que já assumem maiores riscos do que a sociedade em geral.

O Tenente-Coronel (mais tarde General) Curtis E. LeMay fazia o mesmo. Durante seu primeiro bombardeio em St.Nazaire, em 1942, LeMay projetou nova técnica que colocava a tripulação do bombardeiro *B-17* em maior risco. Para acalmar os nervos e inculcar o aceite de risco aos membros da 305ª Ala de Bombardeiros, LeMay voava na posição líder – hábito que praticava regularmente. Sua coragem e aceite de risco levaram a bombardeio muito bem sucedido.⁴⁰

Audácia

É um traço de personalidade que merece atenção especial, pois desempenha papel fundamental em promover outras características desejáveis. A audácia, aquela resiliência face ao estresse que produz ou destrói a determinação de um indivíduo diante de situações aparentemente impossíveis é característica importante entre os militares.⁴¹ Embora seja tendência comum nas forças armadas, não é algo que se aprende. Como observa um autor, “Os dados sugerem que o cidadão americano atraído às academias das forças armadas exibe um conjunto de princípios coerentes com a doutrina militar dos EUA (...)”⁴² Não se sabe o

quanto se pode generalizar esse estudo em todas as armas, mas as exigências da vida e trabalho militares tendem a causar a parcialidade de auto-seleção em indivíduos audazes.

É impossível exagerar a importância da audácia. Tal como acontece com muitas outras variáveis demográficas e rasgos de personalidade, a presença de uma característica geralmente está relacionada a uma ou outras mais. Assim, as características positivas e negativas tendem a reforçar uma a outra.⁴³

Prudência

Esta característica, muitas vezes importante não está presente entre os membros das forças armadas. Um estudo revelou que os níveis de prudência são mais baixos nas forças armadas do que entre a população em geral.⁴⁴ Essa conclusão coincide com os traços de personalidade esperados. É, no entanto, interessante notar que líderes militares superiores são muitas vezes adversos ao risco. Como demonstram exemplos em anais históricos, hesitam em tomar decisões quando a probabilidade de sucesso não é lá tão boa. Não estudamos a natureza exata da prudência e a relação para com as ações de militares mais antigos *versus* mais novos. O fato dos oficiais superiores serem mais prudentes do que os subalternos e praças talvez seja devido a “carreirismo”. Pode ser que a consequência das decisões sejam maiores e isso aumenta a aversão ao risco. Pode ser, até mesmo, a diferença em maturidade entre esses dois tipos de líderes. Seja o que for, é provável que oficiais de maior antiguidade sintam maior relutância em assumir grandes riscos.

Esboço Demográfico Cumulativo

Sugere que, em média, os soldados, marinheiros, aviadores e fuzileiros navais são corajosos, audazes e aceitam riscos. Contudo, não são prudentes. Além disso, como sugerem os dados demográficos, os membros das forças armadas também se encontram acima da média em inteligência, espírito de aventura e ambição. Embora útil, essa descrição da personalidade necessita de maiores dados para desenvolver melhor entendimento dos militares.

Isso nos leva ao tópico seguinte – a psicologia da liderança.

A Psicologia da Liderança

O estudo da psicologia da liderança está relacionado ao tema da tipologia de personalidade e oferece outros esclarecimentos referentes à tomada de decisões pelos militares. Em estudos de liderança militar mais recentes (2009), os autores empregaram o Inventário de Personalidade *NEO-PI-R* a grupo de oficiais militares para que esses avaliassem a habilidade em liderança dos pares.⁴⁵ É de particular relevância, pois oferece certa percepção referente à personalidade dos líderes de alto nível que tomarão decisões atuais e futuras. Como demonstrou a pesquisa anterior, a avaliação dos pares é indicador altamente confiável do sucesso dos oficiais.⁴⁶

As cinco facetas da personalidade incluídas no inventário *NEO-PI-R* são: neuroticismo (ansioso, inseguro, mal-humorado e negativo), extroversão (amigável e social), exposição à experiência (inconformista, autônomo e criativo), amabilidade (atento, cooperativo e tolerante), e conscienciosidade (confiável e pró-ativo). As respostas dos participantes produziram resultados interessantes. Aqueles com pontuação alta em extroversão, exposição à experiência e conscienciosidade foram classificados de líderes eficazes, ao contrário dos neuróticos. Os efeitos de amabilidade em sucesso da liderança não foram conclusivos.⁴⁷ Os resultados sugerem que as atuais e futuras autoridades competentes possuem visão positiva, o que alimenta o tipo de *personalidade* com a atitude de “sim, posso” dos militares e o resultado otimista que o pessoal militar espera durante a execução de operações. Também sugerem que os líderes tendem a ver obstáculos como algo a superar e não como fator restritivo. Não se deve subestimar o otimismo que antecede o conflito. Na maioria dos conflitos recentes, o raciocínio dos líderes anterior à guerra antecipava maior número de vítimas do que na verdade ocorreu (aversão ao risco), embora acompanhado de sucesso garantido. Os oficiais subalternos

muitas vezes antecipavam vitória mais rápida, o que não foi o caso.

Outras inferências: primeiro, os líderes eficazes (e com maior probabilidade de promoção a altas patentes) tendem a ser menos emocionais; segundo, aquiescem, cooperam e não competem. Essa conclusão também é apoiada pela crença popular entre os militares. Sugere-se muitas vezes que os generais não atingem alta patente assumindo riscos, mas mantendo posição moderada e buscando consenso. A descrição de uma série de comandantes e chefes de estado-maior anteriores validam essa noção, enquanto a descrição de grandes comandantes guerreiros da nação são bem diferentes.⁴⁸ Na maioria dos casos, não coexistem lado a lado.

Esboço Demográfico Cumulativo

Os oficiais militares com maior probabilidade de promoção e, portanto, que exercem influência em estilos de liderança dos subordinados, são extrovertidos, abertos a novas experiências e conscientes das decisões. Também tendem a buscar consenso antes de tomar essas decisões. Contudo, evitam riscos se a probabilidade existe de alto custo e baixo benefício. Em aspectos distintos, porém relacionados, tendem a minimizar baixas, fiando-se em vantagem tecnológica.

A Percepção do Mundo

Volto à literatura das relações entre civis e militares, em parte a fim de examinar como o corpo de oficiais percebe o mundo, um tema muitas vezes negligenciado. A percepção entre os oficiais e praças difere bastante da do público americano em geral. A diferença é exacerbada quando comparada a certas variáveis, tais como região geográfica ou raça.

Para os que não estão familiarizados com o estudo de como percebemos o mundo, um autor descreve-o como aquele que tenta responder a três perguntas. Quem e de onde somos? Qual é o problema com o mundo? Como corrigi-lo?⁴⁹ Cada percepção gera as respostas próprias.

A grande maioria nas forças armadas adere à percepção decididamente judaico-cristã, com forte crença em um poder superior, a verdade absoluta, a presença real do bem e do mal e no derradeiro triunfo do bem sobre o mal.⁵⁰ Essa bússola moral nítida leva muitos no serviço militar a ver a sociedade americana como degenerada e carente das qualidades que fizeram dela uma grande nação.⁵¹ São os militares, de acordo com muitos oficiais e praças, que exemplificam a retidão moral. Os sociólogos militares como Charles Moskos lamentam a separação aparentemente cada vez maior entre a sociedade em geral e os militares.

Religião

A tendência é maior entre os oficiais militares em participar de serviços religiosos, quando comparada a dos membros alistados e às mulheres. Isso em grande parte devido a alta proporção de jovens solteiros entre os praças.⁵² A tendência é a mesma na população civil, onde os jovens também tendem a não participar muito em serviços religiosos. O que separa os militares, oficiais, graduados e praças do resto da sociedade é a clara identificação entre o certo e o errado.⁵³ Para as elites que governam o país, que frequentaram as universidades da *Ivy League* [associação de oito universidades e faculdades no nordeste dos Estados Unidos, compreendendo Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, Universidade da Pensilvânia e Yale] e que administram as grandes empresas de Wall Street, uma percepção secular do mundo é muito mais comum. A noção de “verdade individual” é contrária à natureza da profissão militar. Entretanto, a capacidade de determinar a própria verdade é extremamente atraente a muitas elites.⁵⁴ Como descreveu Huntington, “a ética militar, conseqüentemente, é um padrão constante com o qual é possível julgar o profissionalismo de qualquer corpo de oficiais em qualquer lugar e a qualquer momento.”⁵⁵ Aplicam essa mesma consistência ética a todo o mundo. De acordo com a percepção militar, o restante da sociedade jamais conseguirá viver de acordo com esse padrão.

Quando examinamos os militares, a ambigüidade moral, tão importante a muitas autoridades competentes de elite, é muitas vezes quase inexistente. Assim, as decisões que líderes militares tendem a tomar, são restritas pela pura demarcação de uma escala monocromática em branco e preto. Enquanto o país continua a contar com força totalmente voluntária, a atual percepção do mundo provavelmente persistirá, tornando-se mais prevalente.

Política

O estreito elo que muitos membros das forças militares possuem com o Partido Republicano é exemplo marcante da percepção do mundo judaico-cristão voltada à política. É uma filiação que atravessa a barreira oficial/alistado, mais pronunciada no corpo de oficiais e, mais especificamente, na Força Aérea.⁵⁶ Durante a eleição presidencial de 2008 os militares apoiaram o Senador McCain em sua grande maioria, apesar da “Guerra dos Republicanos” não ser popular. Os militares e suas famílias vem arcando com o peso há mais de seis anos.⁵⁷

A forte ligação com o Partido Republicano é muitas vezes descartada como alinhamento de conveniência, já que os republicanos favorecem gastos militares em detrimento aos sociais, mas tal explicação deixa de demonstrar entendimento fundamental da forte disposição moral e ética que rege a vida e o raciocínio militar. Como observou Huntington há mais de cinquenta anos, a mente militar exemplifica a “realidade conservadora.” Altamente cético em relação a bem intrínseco, o militar adere-se solidamente ao lema do Presidente Ronald Reagan: “confie, mas verifique”. Ao acreditar que o homem é criatura corrupta e promíscua por natureza, o militar suspeita de grandes esquemas para a paz mundial. Porém, como mencionado anteriormente, o otimismo é característica fundamental da liderança bem sucedida. Assim, pode-se dizer que as forças armadas contam com grande número de *otimistas cétricos*. Quando se trata de política, a ideologia do Partido Republicano é mais coerente com essa perspectiva do que a do Partido Democrata.

Conclusão

O quadro pintado nas páginas anteriores descreve o típico soldado, aviador, marinheiro ou fuzileiro naval. Talvez não se pareça com pessoa alguma em particular. É baseado em resultados de dados demográficos, pesquisa, história e crenças populares. Sendo assim, é limitado.

Meio século após, sem reler toda sua obra inovadora, os resultados sugerem que a descrição dos militares feita por Samuel Huntington em 1957 continua válida. Também sugerem que a força totalmente voluntária continua selecionando um grupo de homens

Notas

1. Neil Offen, "Hersh: Military Waging War with White House" *The Herald Sun* (14 October 2009) Disponível em: http://www.heraldsun.com/pages/full_story/push?article-Hersh-+Military+waging+war+with+White+House%20&id=3974209-Hersh-+Military+waging+war+with+White+House&instance=home-thirdleft; Derrick Z. Jackson, "For African-Americans, Folly of This War Hits Home" *Boston Globe* (9 May 2007) Disponível em: http://www.boston.com/news/globe/editorial_opinion/oped/articles/2007/05/09/for_african_americans_folly_of_this_war_hits_home/; CBS News, "Black Enlistment In Military Plummet" *CBSNews.com* (November 11, 2007) Disponível em: <http://www.cbsnews.com/stories/2007/11/11/sunday/main3485906.shtml>; Deirdre Griswold, "Big Firms get Rich as Iraq War Escalates" *Workers World* (July 19, 2007) Disponível em: <http://www.workers.org/2007/world/iraq-0726/>

2. Morris Janowitz, *The Professional Soldier* (Glencoe: IL: Free Press, 1960) vii.

3. Samuel Huntington, *The Soldier and the State* (Cambridge, MA: Belknap Press, 1957).

4. Thomas E. Ricks, "The Widening Gap Between the Military and Society," *The Atlantic Monthly* (July 1997) 66-78. Peter Feaver & Christopher Gelpi, *Choosing Your Battles* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2004).

5. Sean Alfano, "Rangel Will Push To Bring Back The Draft" *CBS News* (November 20, 2006) Disponível em: <http://www.cbsnews.com/stories/2006/11/19/ftn/main2199539.shtml>

6. Tim Kan, *Who are the Recruits? The Demographic Characteristics of US Military Enlistment, 2003-2005* Center for Data Analysis—Heritage Foundation (2006) 3.

e mulheres acima da média para servir a nação. As forças armadas americanas, política e moralmente conservadoras, continuam sendo constituídas em grande parte por jovens do sexo masculino e de cor branca. Seus membros são corajosos, audazes, correm riscos e demonstram falta de prudência. Extrovertidos e abertos a novas experiências, os militares tendem a descartar planos grandiosos para a paz mundial, já que vêem os adversários com ceticismo. Em última análise, os líderes são lentos em tomada de ação mas rápidos em busca de consenso. Se os anais históricos estão corretos, o militar continua sendo o mesmo de sempre. □

7. Tim Kane, *Who Bears the Burden: Demographic Characteristics of Military Recruits Before and After 9/11* Center for Data Analysis—Heritage Foundation (2005) 5.

8. *Ibid.*, 2.

9. Richard Herrnstein e Charles Murray debatem esses temas em detalhe em vários capítulos de *The Bell Curve* (1994), mas encontramos breve argumento de Murray em: http://www.cpsimoes.net/artigos/art_iq_succ.html. Ver também, Perter Hartman et al., "Personality as Predictor of Achievement" *Journal of Individual Differences* (January 2009) Vol. 30 No. 2, 65-74.

10. Office of the Undersecretary of Defense for Personnel and Readiness, *2006 Population Representation in the Military Services* (Washington, DC: Department of Defense, 2006).

11. Office of the Undersecretary of Defense for Personnel and Readiness, *Population Representation in the Military Services-Appendix B* (Washington, DC: Department of Defense, 2006).

12. *Ibid.*, Tabelas B 4-7.

13. Harvey Joanning, "The Academic Performance of Vietnam Veteran College Students" *Journal of College Student Personnel* (January 1975) Vol. 16 No. 1, 10-13.

14. Defense Manpower Data Center, *Historical Data Tables* (Washington, DC: Department of Defense, 2006), Tabela D-22.

15. Kane, *Who are the Recruits?* 7.

16. *Ibid.*, 8.

17. David Segal & Mady Segal, "America's Military Population" *Population Bulletin* (December 2004) Vol. 59. No. 1, 18-25.

18. A super-representação dos negros é mais impressionante quando penetramos o contexto de negros “qualificados” (18-24) e não no total da população negra. Em geral, comparados aos brancos, a probabilidade dos negros serem qualificados para o serviço militar é muito menor. Isso significa que os militares recrutam alta porcentagem de negros norte-americanos entre os melhores e mais brilhantes. Ver Bureau of Justice Statistics, “Existem diferenças raciais, com a grande desproporção de negros entre vítimas de, e agressores em homicídios” Department of Justice (July 2007) Disponível em: <http://www.ojp.usdoj.gov/bjs/homicide/race.htm>, Ivor Horn et al., “Discipline in the African American Community: The Impact of Socioeconomic Status on Beliefs and Practices” *Pediatrics* (May 2004) Vol. 113 No. 5, 1236-1241.

19. Government Accountability Office, Reporting Additional Service Member Demographics Could Enhance Congressional Oversight (Washington DC: Government Printing Office, 2005) 79.

20. Government Accountability Office, 32.

21. Mark Hugo Lopez e Paul Taylor, *Dissecting the 2008 Electorate: Most Diverse in U.S. History* (Washington, DC: Per Research Center, 2009); David S. Wallace, Aryn Abdulk-Khalig, Michael Czuchry and Tiffany Lee Sia, “African American’s Political Attitudes, Party Affiliation, and Voting Behavior” *Journal of African American Studies* 13. No. 2 (June 2008), 139-146.

22. Amy Lutz, “Who Joins the Military? A Look at Race, Class, and Immigration Status” *Journal of Political and Military Sociology* (2008) Vol. 36 No. 2, 167-188.

23. *Ibid*, 177.

24. Segal & Segal, 10.

25. *Ibid*, 10.

26. *Ibid*, 27.

27. Kane, *Who Bears the Burden?* 12.

28. Sean Hammill, “Small Towns Pay Big Price in Fighting Nation’s Wars,” *Chicago Tribune* (April 27, 2005) 6.

29. Government Accountability Office, 79. Meredith Kleykamp, “College, Jobs, or the Military? Enlistment During a Time of War,” *Social Science Quarterly* (June 2006) Vol. 87 No. 2, 272-290.

30. Pauline Jelinek, “75% Of Young People Are Ineligible For Military Service” Associated Press (March 13, 2006).

31. G. W. Allport & H. S. Odbert, “Trait-names: A Psycho-lexical Study,” *Psychological Monographs* (1933) No. 47, 171-220.

32. Entre as ferramentas/metodologias mais utilizadas para o estudo da personalidade e liderança nas For-

ças Armadas estão o Type Indicator de Myers-Briggs, Minnesota Multiphasic Personality Inventory, Automated Aircrew Personality Inventory e Hogan Personality Inventory. Cada um desenvolve um “compósito de personalidade”, analisando uma série de características individuais que podem variar de um mínimo de cinco até 310.

33. Paul Bartone, et al., “Cognitive and Personality Predictors of Leader Performance in West Point Cadets,” *Military Psychology* (2002) Vol. 14 No. 4, 321-338, Judith Johnson & Will Hill, “Personality Traits and Military Leadership” *Individual Differences Research* (2009) Vol. 7 No. 1, 1-13, Michael Matthews et al., “Character Strengths and Virtues of Developing Military Leaders: An International Comparison,” *Military Psychology* (2006) Vol. 18 Sup., S57-S68, Frederick Siem, “The Use of Response Latencies to Enhance Self-Report Personality Measures,” *Military Psychology* (1996) Vol. 8 No. 1, 15-27, James Driskell, et al., “Cognitive and Personality Predictors of Training Performance,” *Military Psychology* (1994) Vol. 6 No. 1, 31-46, Paul Bartone, “The Need for Positive Meaning in Military Operations: Reflections on Abu Ghraib,” *Military Psychology* (2005) Vol. 17 No. 4, 315-324.

34. See Beth J Asch et al., *Attracting College-Bound Youth into the Military: Toward the Development of New Recruiting Options* (Santa Monica, CA: RAND Publishing, 1999)

35. Burke Davis, *Marine! The Life of Chesty Puller* (New York: Bantam, 1962) 296.

36. *Ibid*, 296.

37. Nicole Bell et al., “Demographic, Physical, and Mental Health Factors Associated with Deployment of Army Soldiers to the Persian Gulf,” *Military Medicine* (2000) Vol. 165 No. 10, 762-772.

38. Nicole Bell et al., 8.

39. Burke Davis, Ch. 10.

40. Warren Kozak, LeMay (Washington, DC: Regnery, 2009), 108-117.

41. S. R. Maddi, “The Existential Neurosis,” *Journal of Abnormal Psychology* (1967) Vol. 72, 311-325, S.R. Maddi & S. C. Kobasa, *The Hardy Executive* (Homewood, IL: Dow Jones, 1984).

42. Michael Matthews et al., S64.

43. See Edger Puryear, *19 Stars: A Study in Military Character and Leadership* (New York: Presidio Press, 2003).

44. Driskell et al.

45. Judith Johnson & William Hill, 1.

46. R. E. Cristal, “Recurrent Factors Based on Trait Ratings,” *Journal of Personality* (1992) Vol. 60, 221-224.

47. Judith Johnson & William Hill, 3-4.

48. Eisenhower é talvez o melhor exemplo de candidato de consenso, particularmente durante a Segunda Guerra Mundial. Patton, por outro lado, foi um dos grandes comandantes guerreiros da nação, mas não conseguiu alcançar os mais altos escalões, porque era incapaz de cooperar com Montgomery, por exemplo. Ver Stephen Ambrose, *Eisenhower: Soldier and President* (New York: Simon and Schuster, 1991), Stanley Hirshon, *General Patton: A Soldier's Life* (New York: Harper, 2003).

49. Charles Colson e Nancy Pearcey, *How Now Shall We Live?* (Carol Stream, IL: Tyndale, 1993).

50. Charles Colson e Nancy Pearcey, *The Problem of Evil* (Carol Stream, IL: Tyndale, 2001).

51. Thomas Ricks, 69.

52. Peter Feaver & Richard Kohn, "The Gap" *The National Interest* (Fall 2000) 31. The Pew Forum on Religion and Public Life periodically conducts the US Religious Landscape Survey, que é o levantamento de religiões mais completo nos Estados Unidos.

53. Lydia Saad, "Church-Going Among U.S. Catholics Slides to Tie Protestants" Gallup (April 9, 2009) Disponível em: <http://www.gallup.com/poll/117382/Church-Going-Among-Catholics-Slides-Tie-Protestants.aspx>

54. Jim Herrick, *Humanism: An Introduction* (Amherst, NY: Prometheus Books, 2005).

55. Samuel Huntington, 62.

56. Ole Holsti, "A widening Gap Between the US Military and Civilian Society?" *International Security* (Winter 1998/1999) Vol. 23 No. 3, 5-42, Jerald Bachman et al., "Distinctive Military Attitudes Among US Enlistees, 1976-1997: Self-Selection Versus Socialization," *Armed Forces and Society* (Summer 2000) Vol. 26 No. 4, 561-585.

57. Brendan McGarry, "Military Times Poll: Troops Backing McCain," *Military Times* (October 9, 2008) Disponível em: http://www.armytimes.com/news/2008/10/military_poll_100508w/



O Dr. Adam B. Lowther é catedrático analista para o Instituto de Pesquisa da Força Aérea, na Base Aérea Maxwell em Alabama. Recebeu o Bacharelado e Mestrado em Relações Internacionais pela Universidade Estadual do Arizona e Doutorado em Relações Internacionais pela Universidade de Alabama. Antes de fazer parte do *AFRI* o Dr. Lowther foi Catedrático de Ciência Política nas Universidades de Georgia e Arkansas. Também passou oito anos na Marinha Norte-Americana e Reserva. Serviu a bordo do *USS Ramage (DDG-61)* e *NMCB-17*. Sua obra mais recente é intitulada *Terrorism Unanswered Questions*.